

## A NATUREZA HUMANA SEGUNDO MAQUIAVEL<sup>1\*</sup>

MACHIAVELLI, Niccolò. *Istorie Fiorentine*. Libro III, par. 13. In: **Tutte le Opere**. Organizado por M. Martelli. Firenze, Sansoni, 1971, pp. 700-702.

Assim, os homens plebeus, tanto os que se dedicam à arte da lã quanto às outras [artes], pelos motivos indicados, estavam cheios de indignação: crescendo-se a isso o medo devido aos incêndios e roubos feitos por eles, reuniram-se de noite algumas vezes, falando sobre os casos acontecidos e chamando-se mutuamente a atenção para os perigos em que se encontravam. Nesta circunstância, um dos mais corajosos e de maior experiência, para encorajar os outros, fez o seguinte discurso:

Se agora tivéssemos que deliberar entre tomar as armas, incendiar e roubar as casas dos cidadãos, saquear as igrejas, eu seria um dos que renunciaria a pensá-lo, e talvez aprovaria que fosse preferível uma tranqüila pobreza a um ganho perigoso; mas tendo em conta que as armas foram tomadas e muitos males foram feitos, me parece

---

<sup>1</sup> Tradução portuguesa por Selvino José Assmann, Doutor em Filosofia pela Università Lateranense, PUL, Itália, Professor do Departamento de Filosofia e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, CFH/UFSC, Dezembro de 2006.

### \* NOTA DO TRADUTOR

Niccolò Machiavelli (1469-1527), sob encomenda dos Medici de Florença, escreveu *Istorie Fiorentine* (Histórias de Florença). A obra, menos conhecida entre nós, endereçada, ao ser publicada, ao Papa Clemente VII, é a mais extensa escrita pelo intelectual teatrólogo e político renascentista. Se *O Príncipe* apresenta a política a partir do governante, e os *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* o fazem sobretudo a partir dos governados, as *Istorie Fiorentine* mostram um Maquiavel preocupado com sua cidade, o que o levou até a modificar fatos históricos para argumentar melhor a favor de suas próprias teses políticas. Na passagem aqui traduzida, aparece de forma muito evidente o que é considerado por alguns estudiosos a mais importante marca da análise maquiaveliana: a tensão entre a natureza e a cultura, entre uma natureza humana comum a todos, governantes e governados, e a política na sua pragmaticidade, na sua temporalidade e contingência. Neste contexto, o discurso traduzido, feito por alguém que poderia ser chamado “líder sindical” dos trabalhadores da lã de Florença, revela de maneira muito clara, transparente e dura o que Maquiavel pensa dos seres humanos como tais – “a verdade efetual das coisas” também a respeito da natureza humana. Sendo os homens como são, fizeram com que Florença chegasse a ter a importância cultural e política que usufruía no período. Mesmo assim, durante o governo dos Medici, os dirigentes da cidade viviam em conflito entre si. Esta é a “*occasione*” que deve ser aproveitada pelos que sempre se sentiram governados e oprimidos, e com medo dos governantes e do inferno: também eles devem abandonar uma visão otimista da natureza humana, e passar a assumir uma visão realista, sem a qual não seria possível nenhuma mudança política de fato.

que se deve pensar em como não renunciar às mesmas e em como podemos protegernos dos males cometidos. Acredito certamente que, se nada mais nos ensinasse, que a necessidade no-lo ensina. Vocês vêem toda esta cidade cheia de lamentações e de ódio contra nós: os cidadãos se reaproximam, a Senhoria está sempre com os Magistrados: saibam que se estão armando ardis contra nós, e novas forças estão sendo preparadas contra nossas cabeças. Diante disso, nós devemos procurar duas coisas, e ter, em nossas deliberações, dois objetivos: o primeiro é fazer com que não possamos ser castigados por aquilo que fizemos nos próximos dias, o outro, fazer com que possamos viver com mais liberdade e mais satisfação do que no passado. Por isso nos convém, na minha opinião, para que nos sejam perdoados os velhos erros, fazer novos erros, duplicando os males, multiplicando os incêndios e os roubos, e preocupar-nos em contar para isso com muitos companheiros, porque onde muitos erram ninguém é castigado, e as falhas pequenas são punidas, enquanto as grandes e as graves são premiadas; e quando muitos sofrem, poucos procuram vingar-se, porque as injúrias universais são suportadas com mais paciência do que as particulares. O fato de multiplicarmos os males fará, portanto, com que mais facilmente encontremos perdão, abrindo-nos o caminho para alcançarmos as coisas que, pela nossa liberdade, desejamos ter. E parece-me que iremos ao encontro de um ganho certo, pois os que nos poderiam impedir de o alcançar estão desunidos e ricos: a desunião deles, por um lado, nos dará a vitória, e as suas riquezas, quando se tornarem nossas, nos garantirão a manutenção da mesma. Nem sequer nos deve impressionar aquela antiguidade do sangue de que eles nos repreendem, pois todos os homens, tendo tido um mesmo princípio, são igualmente antigos, tendo sido feitos pela natureza da mesma maneira. Fiquemos todos nus: vocês nos verão semelhantes; ponham-se em nós as vestes deles e neles as nossas: nós sem dúvida pareceremos nobres e eles ignóbeis, porque só a pobreza e a riqueza nos desigualam. Lamento sentir que muitos de vocês se arrependem, por consciência, das coisas feitas, e que procurem abster-se de fazer coisas novas; certamente, se isso for verdade, vocês não são os homens que acreditava que fossem, porque nem consciência nem infâmia devem aterrorizar vocês; porque aqueles que vencem, qualquer que seja o modo como vencem, nunca sentem vergonha disso. E nunca devemos ter em conta a consciência, pois onde existe, como

em nós, o medo da fome e do cárcere, não pode nem deve caber o medo do inferno. Mas se vocês observarem a maneira de agir dos homens, poderão verificar que todos os que puderam alcançar grandes riquezas e grande potência usaram ou a fraude ou a força; e que depois disso, para encobrirem a brutalidade da aquisição das coisas que eles usurparam ou com engano ou com violência, eles procuram parecer honestos apelando para o falso nome do lucro. E aqueles que, ou por pouca prudência ou por demasiada estupidez, evitam tais comportamentos, se afogam sempre na servidão e na pobreza; isso se deve ao fato de que os servos fiéis sempre são servos e os homens bons sempre são pobres; jamais saem da servidão senão os infiéis e audazes, e da pobreza, senão os rapaces e os fraudulentos. Porque Deus e a natureza puseram todas as fortunas dos homens no meio deles, e elas estão disponíveis mais às rapinas do que à industriabilidade, mais às más do que às boas artes; daí nasce o fato de os homens se engolirem um ao outro e sempre vão com o pior quem pode menos. Portanto, se deve usar a força quando nos é dada a ocasião. Ela não nos pode ser oferecida pela fortuna maior, estando os cidadãos ainda desunidos, a Senhoria em dúvida, e os magistrados estarecidos; por isso, podem ser oprimidos facilmente, antes que se unam e firmem o ânimo; assim, ou nós seremos completamente príncipes da cidade, ou teremos tanta participação que não só os erros passados nos serão perdoados, mas teremos autoridade tal que poderemos ameaçá-los com novas injúrias. Confesso que esta alternativa é audaz e perigosa, mas onde a necessidade aperta a audácia passa a ser vista como prudência, e ao perigo nas coisas grandes os homens corajosos nunca dão importância, pois sempre acabam premiadas as empresas que começam com perigo, e de um perigo nunca se sai sem perigo. Mesmo que eu acredite, onde se vê serem preparados os cárceres, os tormentos e as mortes, que se deva temer mais o ficar parado do que a busca de segurança, pois no primeiro caso os males são certos, no outro são duvidosos. Quantas vezes ouvi vocês se queixarem da avareza dos seus superiores e da injustiça dos seus magistrados! Chegou a hora não só de vocês se libertarem deles, mas de se tornarem tão superiores aos mesmos, a ponto de eles terem mais do que queixar-se e temer de vocês do que vocês com relação a eles. A oportunidade que nos é proporcionada pela ocasião voa, e em vão se procura depois retomá-la, quando ela escapa. Observem os preparativos dos adversários: nós

preocupamos os pensamentos deles, e quem de nós primeiro vier a tomar em armas, sem dúvida será vencedor, com a ruína do inimigo e a própria exaltação. Isso trará honra para muitos de nós, e segurança para todos.

Essas persuasões acenderam fortemente os já para eles acesos ânimos para o mal, a ponto de terem deliberado tomar as armas, depois de terem atraído mais companheiros para os seus propósitos; e sob juramento assumiram como obrigação socorrerem-se mutuamente, quando viesse a acontecer que alguém deles fosse oprimido pelos magistrados.